

## **Das inquietações científicas do século XIX à importância de Henri Bergson: impressões comunicativas**

*From the scientific unrest of the 19th century to the importance of Henri Bergson:  
communicative impressions*

Francisco Alves da SILVA<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente Artigo busca refletir os vários olhares acerca da realidade, seja ela contemporânea ou não atentando-se as prerrogativas discursivas do filósofo Henri Bergson, cujo mesmo busca refletir e discutir sua realidade, no século XIX, bem como suscitar outras possibilidades de compreensão da realidade contemporânea a partir do pressuposto das inquietações as quais o possibilitaram inúmeros graus de desenvolvimento social, cultural, político, econômico, etc. Todavia, busca-se significar a importância do filósofo referido como parte de um processo reflexivo ainda em construção, pois deve-se compreender alguns processos de desenvolvimento científico atuais a partir de prerrogativas trazidas pela atmosfera a qual tinha o referente teórico como seu precursor e revolucionário.

**Palavras Chave:** Ciência. Inquietação. Sociedade. Reflexão. Informação.

### **Abstract**

The present article seeks to reflect the various perspectives on reality, whether contemporary or not, considering the philosophical prerogatives of the philosopher Henri Bergson (1987), whose quest to reflect and discuss their reality in the nineteenth century, as well as to elicit other possibilities of Understanding of contemporary reality based on the presupposition of the anxieties that have enabled it to achieve numerous degrees of social, cultural, political, economic, and other development. However, it seeks to signify the importance of the philosopher referred to as part of a reflexive process still under construction, because one must understand some current scientific development processes from prerogatives brought by the atmosphere which had the theoretical reference as its precursor and revolutionary.

**Keywords:** Science. Restlessness. Society. Reflection. Information.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas - Gmid/PPGC. E-mail: francisco\_allvs@hotmail.com

## Introdução

Para entender a sociedade e seus movimentos é preciso acompanhar o ritmo das reflexões e considerações acerca das mudanças ocasionadas por ações, doravante, preliminarmente filosóficas. Henri Bergson (1987) é um dos autores mais importantes da filosofia do Século XIX; trata-se de um personagem inquieto! Vive-se um desafio constante nessa época, cuja mesma desafiava as lentes da Ciência e da compreensão humana.

A Sociedade precisava de um respaldo, de um novo conhecimento científico, um novo intento, pois “[...] sem a livre concorrência de pensamento não pode haver desenvolvimento científico [...] E sem a liberdade de pensamento não pode existir uma livre concorrência de pensamentos científicos”. (POPPER, 1994. P. 66), ou seja, há uma nova assertiva a qual busca assistir as novas demandas sociais e institucionais nas considerações de Bergson. Todavia, alimenta-se a ideia de que o Conhecimento e a Ciência precisavam “caminhar juntos” no que tange aspectos de desenvolvimento técnico/científico e social.

Outras correntes de pensamento foram muito importantes para a construção de novas aquisições interpretativas acerca do progresso científico como um todo. A relevância deste Artigo está na qualidade da informação prestada enquanto parte de um pressuposto comunicativo/discursivo, já que a formação humana adentra no universo da comunicação e interação sócio/cultural.

Logo, aborda-se aspectos referenciais acerca de algumas contribuições de Henri Bergson, como a Teoria do Riso a qual busca delimitar parte de uma necessidade humana enquanto reflexão social e cultural, por sua vez. No mais, uma retomada dos aspectos históricos discursivos da época, os quais podem suscitar e ajudar na composição de outras vias de comunicação, e, por sua vez, informação.

## **Da evocação do riso à trajetória de Henri Bergson: um intento discursivo/dialógico**

O riso sempre foi e sempre será uma prerrogativa humana e social, pois é com ele que as manifestações das emoções eclodem como parte das afirmações e/ou negações sociais. Pode-se ou não, com ele, inferir correções ou atestar-lhe enquanto caráter vexatório, até porque adquire aspectos íngremes em si tratando de relações interpessoais, a partir de situações diversas e casuais, até; porque não assegurar ser cômico (?), pois de acordo com BERGSON (1987) a comicidade está nas mais variadas situações emocionais, sejam elas de caráter social e/ou cultural. Nessa perspectiva, ainda assevera que:

Convencidos de que o riso tem significado e alcance sociais, de que a comicidade exprime acima de tudo certa inadaptação particular da pessoa à sociedade, de que não há comicidade fora do homem, é o homem, é o caráter que visamos em primeiro lugar. (BERGSON, 1987, p. 99 - 100)

Conquanto, a natureza da própria comicidade reluz o Homem como elemento principal da comicidade, a qual se dá através de pequenas ações, atitudes ou gestos capazes de significar o sujeito pelo riso pela inquietude provocada. Busca-se, pois discutir a pureza do Riso como um elemento sagrado da Natureza uma vez que sua construção simbólica parte de um pressuposto representativo. Numa acentuação metafórica e dialógica o autor deixa claro que o objeto de estudo é o homem pelo próprio homem em comicidade e riso:

Elegíamos o metal puro, e nossos esforços eram no sentido de reconstituir o seu minério. Mas é o próprio metal que vamos agora estudar. Nada será mais fácil, pois desta vez estamos diante de um elemento simples. Olhando-o de perto, vemos como ele reage a todo o resto. (BERGSON, 1987, p. 100)

Ou seja, o universo das metáforas é um bom convite a teoria do riso aqui pontuada enquanto diálogo, pois são necessárias para frisar a textualidade da

comicidade traduzida em notas bastante reluzentes. O Eu e o Outro são dialogáveis e suscitam aspectos de uma contradição, natural, até certo ponto, pois busca-se desdenhar o sujeito de sua realidade e levá-lo ao estado de serenidade e fuga de si mesmo por alguns instantes, através do riso. O drama, a comédia e a tragédia, aqui ganham espaços bastante viáveis e discutíveis. Nesse ensejo, Henri Bergson vai desenhando o perfil da comicidade tendo no Homem seu maior laboratório. Como pressuposto acima, o Metal é o próprio Homem, o Riso é o produto final desse humor estabelecido nas relações interdependentes. Assim se constrói e significa-se as ideias palpáveis na atmosfera do humor, do risível.

Nessa apreciação, o humor apresenta-se como linguagem simbólica, dialógica porque através dele o mundo exterior é símbolo de um mundo interior. Segundo Fromm (1966), permite externar o interior dos indivíduos, evocando o diálogo bitextual entre o esperado (consciente) e o inesperado (inconsciente), aguçando habilidades sócio-culturais de convívio. Assim, expande-se o universo da comicidade a partir das considerações vigentes e correntes. Buscando refletir tal composição dialógica recorre-se a antiguidade para acentuar tais prerrogativas, já que “[...] a mais antiga formulação sobre humor tem origem em Platão (428-348 a.C.) e Aristóteles (348-322 a.C.). ” (SHIRAYAMA, 2006, p. 19). Segundo Arêas (1990), a partir dos escritos de Aristóteles (do século IV a.C.), é que se estabelece esta divisão didática dos gêneros. Em sua “Poética”, ele fez a diferenciação entre ambos os gêneros, descrevendo a tragédia profundamente, enquanto relegou a comédia “[...] como se tratasse de um gênero menor, espécie de contrário ou paralelo grotesco da poesia séria [...]” (ARÊAS, 1990, p. 13). Propp (1982) aprofunda esta divisão ao escrever que o cômico é definido por termos negativos, o que se contrapõe aos termos nobres que definem o trágico e o sublime. Tais considerações permutam ora por vias históricas ora por vias culturais e sociais interativas.

O que mostra a dinamicidade com que o Riso é concebido e significado em sociedade considerando o Homem como parte de um pressuposto dialógico e discursivo. Essas considerações sejam de autores, aqui complementares, ou do próprio Bergson (1987) mostram o quanto o risível é um elemento da natureza humana; parte de um elemento inegável da natureza humana haja visto que o homem

ri para corrigir a rigidez; o efeito cômico é resultado de uma desarmonia da vida social e não há comicidade fora do que é humano.

Essas e outras inquietações vão em busca de respostas as quais suscitam outros posicionamentos e considerações acerca da visão do homem mediante suas representatividades e significações; o espelho do outro pode refletir o significado de si mesmo e vice e versa, afinal de contas ninguém está imune a qualquer posicionamento discursivo quando estiver na condição de sujeito em discurso vivo.

No que fomenta a construção do autor, enquanto ser pensante, assevera-se a disposição inquietante que tinha em pleno século XIX. O pensador/filósofo moderniza o pensar com sua originalidade, pois proporciona uma ruptura ascendente no racionalismo da época. Sua originalidade reside, fundamentalmente, no tipo de ruptura que ele introduz no racionalismo. Enquanto outros comungam da ideia relacionista entre o racionalismo e a subjetividade ou a história, o mesmo tem uma visão nova (que também o distancia de Hegel) da dialética e da existência. Enquanto filósofo francês, Henri Bergson nasceu em Paris, a 18 de outubro de 1859 e morreu na mesma cidade a 4 de janeiro de 1941. Filho de pais judeus de origem polonesa, apesar de sua excepcional aptidão para as ciências, optou pela filosofia. Ensinou em Angers e, depois, em Clermont, até 1888. Retornando a Paris em 1889, ensinou no Liceu Henri 4º, na École Normale Supérieure e no Collège de France. Considerado um divisor de águas da filosofia moderna: substituindo pela visão biológica a visão materializante da ciência e da metafísica, ele representa o fim da era cartesiana. Propõe uma nova perspectiva, um novo olhar filosófico, adquirido pela cultura de seu tempo, das conexões entre a vida orgânica e a vida social e psíquica. Chama, pois sua metafísica de "positiva", dando-lhe um significado bastante original quanto o que atribui ao "dado imediato". Logo, exprime uma consciência moderna no sentido de conceber a ciência e a sociedade como partes de um processo altamente metamorfósico. Ao longo de sua trajetória como pensador tratou de temas e problemas diversos, tanto da psicologia, das neurociências e do evolucionismo biológico, quanto da moral, da mística e da religião.

No entanto, sob esses temas aparentemente desconexos, há um "fio" que liga todos eles, e que fez com que Henri Bergson se tornasse conhecido como o filósofo

da duração. Este fio, ou já em termos bergsonianos, a intuição da duração, levou Bergson a criar um novo método de conhecimento filosófico: o método intuitivo. Bergson se debruça, em um diálogo com a ciência de sua época, para elaborar e sustentar sua filosofia da duração. Acerca do tema psicológico escreve “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência” (2011), publicada em 1889; sobre a relação entre corpo e espírito, da duração da matéria, e o debate com as neurociências, escreve, pois “Matéria e memória” (2010), de 1896; a respeito da tese bergsoniana da evolução, do universo que dura, e as posições que o filósofo contesta dos biólogos e cientistas neodarwinistas e neolamarckistas, escreve “A evolução criadora” (2005), de 1907; finalmente, a obra de Bergson em que este trata do tema da moral, discernindo dois tipos de religião (estática e dinâmica) oriundas de dois tipos de moral (fechada e aberta), e o misticismo como propiciador do estágio mais alto da evolução humana, por seu contato com o ser que dura, escreve, todavia “As duas fontes da moral e da religião” (2005), de 1932. Em “Matéria e Memória” (2010, p. 223-226), Bergson discorre acerca do argumento proposto por Zenão sobre o tempo e o movimento, o qual fala de Aquiles e a tartaruga, quando o primeiro, tentando alcançar a segunda numa determinada trajetória, jamais a alcançaria: “[...] o erro de Zenão, em toda a sua argumentação, é [...] deixar de lado a duração verdadeira para considerar apenas seu traço objetivo no espaço.” (2010, p. 224). Pondera, ainda, que “O filósofo que reflete sobre a natureza íntima do movimento é obrigado a restituir-lhe a mobilidade que é sua essência, e é isto que Zenão não faz.” (2010, p. 224). Sobre estes “falsos problemas” metafísicos, (p. 254-256) e “As dificuldades inerentes à metafísica, as antinomias que ela engendra, vêm principalmente de que nos instalamos no imóvel para surpreender o movente em sua passagem, em vez de nos colocar-mos no movente para atravessar com ele as posições imóveis.”. Pode-se dizer, ainda, que o método da intuição tem regras, mas não se confunde com um conjunto de regras.

Na realidade, essas regras são apreendidas após o método, não postuladas antes do método se efetuar. Esta última acepção do que é um método está nos moldes de compreensão da ciência, não da filosofia como o teórico a entende. Com efeito, suas amplitudes estão para a duração presente em todos os aspectos da realidade,

desde a consciência até o ser metafísico. De maneira muito resumida, pode-se dizer que o mesmo, ao longo de sua obra, parte da intuição da duração interior – do Eu profundo –, em seu “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, para passar à duração material em “Matéria e Memória” e então à duração da vida mesma em “A Evolução Criadora”. Seu pensamento pode ser compreendido como tendo por noção primitiva a duração, à qual sempre tornará a voltar.

Tais considerações reforçam o quão grande importante é a pessoa do Henri Bergson, na condição de teórico, pesquisador, pensador, pois é um revolucionário o qual contribuiu imensamente para as pesquisas atuais bem como é um dos referenciais mais importantes na composição da ciência atual. Muitos pressupostos teóricos e científicos foram resignificados a partir de seus trabalhos e pesquisas. A Ciência atual pouco se admite a possibilidade de, hoje, viver sem a presença da Ciência enquanto aparato científico humano, pois tudo que se observa é ou está em processo de consumir-se como ciência, haja vista que as mobilidades do Conhecimento permitem uma ampla reflexão sobre o que está sendo produzido ou, até mesmo, dito como ciência, afirmando-a no âmbito das possibilidades tecnológicas. As tecnologias pressupõem, por si só, a natureza da ciência enquanto expressão do conhecimento humano transformado em mecanismos significativos e comunicativos entre os sujeitos pensantes e reflexivos, uma vez que “[...] um dos aspectos mais impressionantes da ciência é seu poder de proporcionar respostas universalmente satisfatórias para as perguntas que ela faz” (POLKINGHORNE, 2001, p.15); todavia, suscetível de mudanças conceituais no decorrer do tempo e do espaço correntes, já que está no campo da metamorfose no que cerni a flexibilidade de suas posições, ou seja, é possivelmente mutável conforme a ascensão de ideias e pensamentos correntes... Basta refletir sobre os vários tipos de conhecimento impetrados na cultura humana como parte de um pressuposto científico carregado de significados e simbolizações que externam a identidade dos sujeitos e suas prerrogativas subjetivas enquanto parte de um colosso ainda em (re)construção.

Em suma, é mais que sabido que a Ciência é um aparte da natureza humana em termos de conhecimentos e desenvolvimento tecnológico, pois o homem é parte desse tecnológico em evolução; portanto, parte desse processo de construção de si

mesmo, a partir de si mesmo, já que, ainda, não conheci, de fato, sua natureza pensante. Tudo parte de um pressuposto além da sua compreensão comum. É preciso pensar, refletir, questionar, investigar, analisar, discutir, (ré) pensar, traçar estratégias, despir-se de conceitos, já impressos como verdadeiros; é preciso construir desconstruindo para, assim, colocar-se na condição de pesquisador-cientista, de fato, atuante.

Com tais observações aqui expostas podemos observar que há várias formas de se conceber a ciência e seus "afluentes" no que tange a pesquisa, o ensino e o saber propriamente dito. Tudo flui à medida em que a dinâmica das coisas e do meio perpassa o universo da contextualidade, pois tudo é trazido ou levado para o universo das inquietações, e são essas inquietações que movem o conhecimento bem como parte do envelopário científico o qual tem-se hoje enquanto calor humano evolutivo e sociável no tempo é no espaço, ainda, em processo de formação. Buscamos, discutir e referenciar, contudo, a noção de Ciência no que fomenta um mover constante e discutível, pois o meio e a natureza também discutem a necessidade do homem a partir de si mesmos, ou seja, são moldados conforme a necessidade e intencionalidade coletiva, a partir de diálogos e percepções distintas. Por isso as inquietações! Vê-se em Henri Bergson essa inquietação bem como a possibilidade de refletir as descobertas por uma ótica dialógica e instigante. Sendo assim, a Ciência é o conhecer da vida enquanto parte da própria evolução; é o aparato linguístico que fomenta discussões sobre a relação Homem/Natureza bem como permite mostrar-se como algo que está perto do ponto de chegada, mas ainda está latente no ponto de partida. Eis um desafio operante onde a máquina humana, ainda, não dá conta de estabelecer o verdadeiro equilíbrio, se é que existe um.

## **Considerações finais**

Ao refletir tal proposta, buscou-se percorrer alguns pontos históricos situados no tempo bem como pontuar alguns teóricos os quais colaboram de forma muito positiva para as reflexões e questionamentos aqui levantados. Ao falar de Henri Bergson (1987) procura-se atentar-se à sua ótica, ou seja como concebia a vida e as



coisas que a circundam de forma a dialogar com o “diferente”, no que tange a busca de respostas as possam ajudar a desenvolver outros conhecimentos onde posteriormente venham a ser conclamado como conhecimento científico, até porque de acordo com Lakatos e Marconi (1991):

A ciência [...] constitui-se em um conjunto de pressuposições e enunciados, hierarquicamente correlacionados, de maneira ascendente ou descendente, indo gradativamente de fatos particulares para gerais e vice-versa (conexão ascendente = indução; conexão descendente = dedução), comprovados com certeza de serem fundamentados pela pesquisa empírica (submetidos à verificação) (p.08)

Ou seja, é um processo contínuo o qual dinamiza o conhecimento, o saber e, o próprio universo científico enquanto mecanismo social, coletivo, humano. Ao dialogar com Bergson a partir de uma brecha no tempo e no espaço ainda em metamorfose observa-se que várias lacunas se formaram no que fomenta a necessidade de refleti-lo enquanto divisor de águas. De um lado a Ciência, imperativa e atuante no século XIX, mas com características tênue, ou seja, ainda em fase experimental, por assim dizer, por outro as inquietudes provocadas pela necessidade de questionar a própria ciência e seus pressupostos experimentais. Logo, nessa comunhão de ideias e possibilidades o referente teórico se apoia em diversos mecanismos dentre eles a reformulação de algumas teorias as quais possam a partir de então responder os anseios dessa nova sociedade emergente a qual apontava-se como parte de um processo cultural e discursivo. Nessa premissa, hoje tem-se “Ns” dificuldades, desafios os quais permitem novas acepções e concepções de mundo a partir das novas relações fincadas no discurso e nas formas de organizações sociais. Com afinco, nota-se que a realidade experienciada conjuntara-se enquanto um paradigma desafiante: emerge, pois um novo tempo de questionamentos visto o rigor científico; a nova forma de pensar e discutir a realidade e a própria Ciência; no mais, uma nova proposta de pensar as bases conceituais e epistemológicas e a noção humanista ética de responsabilidade. Nessa prerrogativa, indaga-se sobre as realizações científicas irreversíveis do novo mundo e qual o significado contido nelas. Até onde o processo de aquisição de saberes desdenha a nova realidade científica e

conceitual da Ciência e seus pressupostos técnicos/discursivos.

Nessa, textualização, fazendo um aparte “movimentação da Ciência” atual, no que fomenta a presença das diversas tecnologias e impressões comunicativas inovadoras e desafiantes toma-se o parecer de Dias (2000) no que reflete essa realidade. No que tange o campo da informação computacional, por exemplo: De que forma a informática é agregada ao cotidiano para a construção de cidadania? Será que o domínio de genoma está propiciando as condições racionais para a intervenção mais profunda do homem na natureza sem cavar sua própria sepultura com a destruição do ecossistema? Estará à engenharia genética a serviço da qualidade de vida de todos, ou do lucro da minoria? Talvez, essas e outras prerrogativas estivessem fervilhando na mente do teórico aqui apresentado, pois parte de um discernimento, cujo mesmo toma significância pela relevância e inquietude. Será que no século XIX essas possibilidades estavam ecoando de forma a inquietar os cientistas ou apenas faz parte da rotina diária enquanto movimento dialético/comportamental? Ou seja, há um mecanismo rotineiro no que tange o pensar científico? Outrora, essas indagações servem como parte de um processo norteador o qual pondera a realidade, seja em qualquer época, às suas necessidades científicas. Logo, todos devem ter o alcance desse conhecimento não ficando apenas para o universo acadêmico. O que sustenta a ideia de que o mais sofisticado dos produtos de laboratório deve ser explicado ao mais humilde dos cidadãos. Trata-se, agora, da biosfera, da sobrevivência da humanidade. A evolução da ciência em apenas quatro séculos de experimentalismo conseguiu realizações verdadeiramente assustadoras, numa sociedade sem limites para o progresso científico. “O momento é o de perguntarmos o que podemos fazer hoje, convivendo com os avanços meio inconscientes de uma ciência que é, em si, maravilhosa, mas em muito se tornou perversa em razão da perda de uma consciência profunda” (MORAIS, 2003, p. 91-92). O maior desafio é entender como contribuir para a construção de uma consciência ecológica. Ecológica, no sentido de que as pessoas, as coisas, o mundo, os outros seres vivos ou não e o progresso formam um emaranhado de conhecimentos os quais não se pode desdenhá-lo em particular, ou seja, deve-se partilhá-lo como forma de, também, contribuir para um progresso coletivo, atendendo as necessidades e desafios vigentes. O homem e o

meio indissociáveis por suas naturezas pensantes.

A perspectiva da ciência hoje depende da luta em dois níveis: primeiro, o desafio de uma política no sentido de levar o conhecimento científico a todos os cidadãos e não só para alguns e, segundo, a reeducação do homem voltada para atos pequenos e cotidianos, fundamentada na consciência sobre seu mundo. Desse modo, estaremos contribuindo para uma produção de cientistas que recupere o sentido do cotidiano, edifique uma ciência ética e socialmente comprometida com o impacto das descobertas e o caminho de suas aplicações. Muitas alternativas já foram tentadas para a recuperação dos caminhos legítimos da ciência. A ciência na modernidade para garantir o status de científico instituiu a objetividade, utilizando-se do método experimental no ato de conhecer fatos empiricamente verificáveis.

Tais considerações do cotidiano, considerando o século atual (XXI) como espaço/tempo em reflexão, voltam-se as considerações de Henri Bergson no século XIX, pois essas mesmas inquietudes, considerando o ritmo e a dinamicidade de seu tempo, fizeram com que ele se posicionasse de maneira diferente e imperativa frente aos desafios apontados como parte de sua aceção sobre ciência e como filósofo em pleno exercício. Tem-se um autor que discute e contesta, por exemplo, aspectos deterministas, quanto ao “posicionamento geográfico” das áreas do cérebro no afã de refletir sobre o funcionamento da linguagem; partilhava a ideia de que deveria haver a redução do mental, espiritual ao cérebro, meio físico. Em 1889, em um outro exemplo, Bergson presenteia a comunidade científica com a obra *Dados Imediatos da Consciência* (referente à sua tese de doutorado), onde contesta o associacionismo e a psicologia experimental: Qual a gestão da Psicologia? Será que seus pressupostos caminham ou não para um olhar linear, plano no âmbito da ciência e sua relação com o meio? Essas e outras amplitudes do seu trabalho, de sua trajetória o faz ou o torna um dos mais importantes pensadores da atualidade, mesmo tendo suas inquietações e reflexões tecidas a luz de outra época, forjada no vigor das potencialidades discursivas.

Por quanto, este Artigo presume a ideia de, ainda, continuar tecendo e construindo outros afluentes acerca do falar e do refletir a Ciência ontem e hoje.

## Referências

- ARÊAS, Vilma. **Iniciação à comédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- BERGSON, Henri.. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Matéria e memória**. 4. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **As duas fontes da moral e da religião**. Coimbra: Almedina, 2005 [1932].
- DIAS, Genebaldo Freire, 1949 – **Educação Ambiental: princípios e práticas**/Genebaldo Freire Dias – 6. ed. rev. e ampl. pelo autor – São Paulo: Gaia, 2000.
- FROMM, Erich. **O espírito de liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967 (= 1966a GA).
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1991.
- MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Ciência & Educação: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.
- POLKINGHORNE. **Além da ciência: o contexto humano mais amplo**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- POPPER, Karl Raymond. **O racionalismo crítico na política**. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade Brasília, 1994.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Editora Ática, 1982.
- SHIRAYAMA, Gláucia Yassuco. **O risível e o discurso crítico nos Simpsons: um enfoque argumentativo**. 2006. 104 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.